

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA CORREIA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9850; Provisão, 3 me-
ses 28500; África Portuguesa, 6 meses
70500; Estrangeiro, 6 meses 110500.

Porque não falam as autoridades nos cem mil contos de notas de 1.000 escudos que foram encomendadas à casa Waterlow juntamente com as de 500? Se essas notas não foram encontradas

O PROBLEMA DA ILUMINAÇÃO

A bem dos consumidores extinga-se o monopólio da energia eléctrica!

O conflito travado entre a Câmara e a Companhia do Gás já passou por todas as fases: as platónicas e as trágicas; das platónicas nada de bom nem de prático resultou para os consumidores; das trágicas houve a morte do vereador Beja da Silva cometida pelo espadachim António Centeno, habilíssimo em distribuir estocadas que têm enchido os seus cofres e trespassado os bolsos das populações. A última fase—é essa em que o conflito se encontra—é a mais interessante e pode ser a única proveitosa para os interesses dos consumidores.

A Câmara retirou a licença à Companhia do Gás e anunciou que ia abrir concurso para o fornecimento da energia eléctrica. Esta é que é a melhor solução do conflito: outra qualquer que se tome só pode servir os interesses da Companhia em detrimento dos da população. Esta solução não só é a mais prática como a mais fácil de realizar. Meter na ordem uma Companhia que como a do Gás se encontra só em campo, usando e abusando escandalosamente dum monopólio que embora não exista de direito existe de facto, é extremamente difícil. Tão difícil que nunca uma vereação o conseguiu, tendo sido aquele odioso monopólio um verdadeiro Estado dentro dum Estado. A Companhia do Gás tem sempre procedido autocráticamente trocando dos consumidores e roubando-os com tal audácia que dá a todos nós o direito de verberar, nos mais indignados termos, o cinico bandoleirismo dos seus dirigentes. Fornecer-se ar em vez de gás, impingiu-se uma luz eléctrica que muitas vezes não tinha o poder iluminante do petróleo, do anacrónico

petrólio e deixou-se a cidade às escuras. A acção das vereações quando não se resumiu numa inação criminosa sintetizou-se numa impotência significativa.

A Companhia do Gás para roubar a população tem usado de *trucs*—como o da cobrança dos selos de recibo—que não lembrariam ao mais cadastrado dos vigaristas, *trucs* perpetrados pelos homens de bens—não confundir com homens de bem—que a dirigem, com o fito de andarem sempre com suas mãos indignas metidas nas nossas algibeiras.

O único remédio é cortar o mal pela raiz. Extinga-se o monopólio, mas extinga-se desde já; sem receios pueris, sem hesitações absurdas. A ocasião que se oferece é excelente; desaproveitá-la seria um erro de tremendas consequências, funestíssimo para os interesses dos consumidores.

A Câmara teve, ultimamente, entradas, rompanes de leão; se transigir, se abdicar terá saídas de sendeiro que a cobrirão de ridículo e de vergonha. A sua actual atitude colocou-a entre a espada e a parede e se optasse por qualquer solução conciliatória a todos assistiria o direito de a declarar constituída por burlões—e nós desse direito não abdicaríamos. Haveria toda a razão para que os munícipes praticassem a boa acção de escorraçar uma câmara que brincava com os seus interesses e zombava da sua credulidade.

Ou se acaba com um monopólio que não está sancionado por nenhuma lei ou tudo isto não passa de uma repugnante comédia.

Notas & Comentários

Utilidade pública...

Há pequenos nada que dão a nítida noção da inteligência da polícia e do desleixo que preside a todas as instituições burguesas, incluindo as chamadas de vigilância social. A polícia vendeu em leilão as máquinhas de fabrico de cédulas falsas que foram descobertas há tempos num prédio em construção na rua do Visconde de Santarém. A época estranho esse desleixo da polícia. Talvez aquele jornal não tenha razão. Parece-nos que, em face do exemplo que vem sendo dado pelos de cima, não há que estranhar que a polícia venda aqueles objectos que podem considerar-se já de utilidade pública...

Aniversário de «A Batalha»

Passa no próximo dia 23 de Fevereiro o 7.º aniversário de A Batalha. Estes longos anos de existência e de luta são o grato indicio de que o proletariado começa a encavar a sério a defesa das suas reivindicações de classe e a compreender as vantagens da manutenção de um agguerrido órgão na imprensa. Constituiu-se uma comissão que está preparando interessantes festas para comemorar a feliz data proletária. Essas festas terão lugar nos dias 21, 22 e 23 de Fevereiro. Num desses dias realizar-se-á, num dos melhores teatros de Lisboa, uma festa de homenagem à Batalha. Para tratar deste interessante assunto reúne-se hoje, pelas 21 horas, a referida comissão.

Manuais e intelectuais

No Parque da Cidadela, em Barcelona, diz-nos a Agência Havas, foi oferecido um lunch em homenagem ao artista e literato Santiago Rusinol, por um grupo de operários. Um destes, usando da palavra, declarou que o elemento trabalhador havia querido também testemunhar a sua simpatia pelo artista, já festejado pelos intelectuais. Santiago Rusinol respondeu que pertencia também ao povo; e que era igualmente um trabalhador da pena. No final foi aclamado por uma enorme multidão, na sua maior parte composta por operários.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês «Darro» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas recebe-se até às 9 horas.

aos homens do Angola e Metrópole: onde estão? No Banco de Portugal?!

Se o arguto António Maria não toma a feliz resolução de afastar o juiz Pinto de Magalhães da direcção das investigações sobre falsificação das notas, e se não tem a luminosa ideia de substituir aquele magistrado pelo dócil Alves Ferreira—o crédito do país andaria decerto pelas ruas da amargura. O Banco de Portugal estava com certeza em maus lençóis. E quem diz o Banco de Portugal diz o sr. Inocêncio Camacho, o sr. Mota Gomes e muitos dos que se encontram comodamente instalados na direcção daquele estabelecimento de crédito.

O António Maria é um homem esperto—e sabe muito bem o que faz. O Alves Ferreira, obedecendo-lhe, também não perde o seu tempo... Todas as suspeitas que vinham recaído sobre o Banco de Portugal vêm sendo pacientemente desviadas por Alves Ferreira. Principiou este por falar pelos cotovéis, metendo os pés pelas mãos lançando poeira nos olhos do povo, gritando num ar triunfante que estávamos em presença duma grosseira falsificação de assinaturas mas não explicando nunca a razão porque nos arquivos do Banco de Portugal aparece uma lacuna larga de correspondência com a casa Waterlow, que anteriormente à encomenda das notas se trocava numa média de sete cartas por mês.

Alves Ferreira foi deixando, pouco a pouco, de falar, substituindo o sorriso amável que dispensava aos representantes da imprensa por aquelas vergonhosas notas oficiais que não dizem nada. Propositadamente, tem-se feito um criminoso silêncio sobre as notas de mil escudos que foram encomendadas à casa Waterlow, no mesmo ofício em que se encomendavam as de quinhentos. Nesse ofício—encomenda em que se fornecia à casa inglesa a escala das notas, mandavam-se fazer também, como os leitores devem estar lembrados, cerca de cem mil contos em notas de 1000 escudos.

Ora, ao Banco de Angola e Metrópole atribuíram as autoridades apenas a passagem das notas de 500 escudos—não lhe atribuíram a falsificação e passagem das de 1.000 escudos.

De resto não nos consta que essas notas de 1.000 escudos tivessem sido encontradas no referido Banco. O que temos verificado é o empenho, o cuidado da parte das autoridades em não mexer no assunto, em não lembrar sequer a existência dessas notas. A, admitindo que a encomenda em vez de partir, como estávamos convencidos de que partiu, do Banco de Portugal, viera do Angola e Metrópole, seria lógico que nos cofres desse notas fossem encontradas. Mas esse dinheiro não aparece. Se o Angola e Metrópole não o possui, onde se encontra ele, afinal?

Cem mil contos em notas de mil escudos não se ocultam com facilidade; não cremos que Alves Reis ou Bandeira os possuam na algeibra do colete.

A casa Waterlow fabricou esse dinheiro—ele deve encontrar-se em qualquer parte. Gostaríamos que o austero Alves Ferreira nos explicasse este caso estranho. Estamos certos de que ele nos explicaria tanto este caso como explicou o motivo por que nos arquivos do Banco de Portugal não existe correspondência trocada com a casa Waterlow durante o período em que duraram as negociações referentes às mesmas notas.

E nem o século não desinteressadamente empenhado em esclarecer a opinião pública se referiu a valer a este ponto importantíssimo, a este parafuso da questão...

O povo, porém, tem todo o direito a exigir que lhe digam onde estão metidos os cem mil contos de notas de 1.000 escudos.

Parece-nos que as pessoas que têm seguido de perto a campanha da Batalha e possuem dois dedos de inteligência concluirão lógica e facilmente por compreender que, tendo sido—como toda a gente sabe—a encomenda feita pelo Banco de Portugal, ou melhor pelo sr. Inocêncio Camacho, e não se encontrando as notas em poder das criaturas componentes do Angola e Metrópole—elas devem estar, evidentemente—no Banco de Portugal.

Tendo indica que o nosso raciocínio é lógico. Entretanto, será bom lembrar, para reforço da nossa opinião, que o Banco de Portugal ao aceitar as notas de quinhentos escudos trocava-as por notas de mil escudos que ainda não haviam sido postas em circulação.

Verifica-se mais uma vez que o Banco de Portugal, o desacreditado Banco de Portugal onde se praticam incorrecções graves na escrita e onde está ainda por liquidar o descaradíssimo desfalque de 44.000 contos, se limitou a trocar por notas falsas de 1000 escudos as notas falsas de 500 que, pelo punho de Inocêncio Camacho, tinham sido encomendadas à casa Waterlow.

E' tão grande a culpabilidade do Banco de Portugal e do Inocêncio Camacho que lhes deu aquela segurança, aquele sangue-frio inexplicável, aquele gesto temerário de trocar em todas as notas consideradas falsas que surrissem!

Querem melhor indicio, mais forte razão para apontar como culpado o Inocêncio Camacho cuja assinatura se encontra no ofício de encomenda das notas de 500 e de 1000 escudos?

Negar a formalidade acusação que estes factos encerram contra o Banco de Portugal é querer meter os dedos nos olhos do povo!

Só o juiz investigador, esse homem que nas garras dos interesses inconfessáveis que na sombra se concertam é a pista que eles apontam!

Só os jornais vendidos aos Alredos da Silva e aos homens do Banco Ultramarino, aos Burnay e aos homens do Banco de Portugal não vêem a verdade iluminada pelos fulgurantes raios de luz que destes indicios se desprendem!

Só o governo, empenhado em salvar os falsários do Banco de Portugal que à parte deste negócio escuro trazem em circulação absolutamente denunciados 130.000 contos de notas ilegais, de notas falsas, fecha os olhos perante a acusação tremenda dos factos! O povo, porém, vê—e acusa!

LIBERTUS

Propaganda comunista na Universidade de Oxford

LONDRES, 27.—Pelo vice-chanceler da Universidade de Oxford foi neutralizada a actividade comunista que ali pretendiam desenvolver dois empregados menores.

Por tal motivo foi-lhes dado o prazo de 24 horas para declararem por escrito que jámais, durante todo o tempo que servirem na Universidade, terão as menores ligações, directas ou indirectas, com quaisquer organizações comunistas, nem procurarão espalhar, pelas mesmas formas, as respectivas teorias.

No caso de se recusarem a assinar tal declaração, os dois funcionários serão imediatamente expulsos.—(L)

A fundação da C. G. T. chinesa

No edificio da Universidade de Pequim reuniram-se, há cerca de três semanas, os delegados de várias organizações políticas chinesas, entre elas o Partido Comunista, União dos Estudantes, uma delegação nacionalista de Cantão, etc. Assistiram a esta reunião numerosos estudantes, operários e intelectuais. Protestou-se com energia contra o assassinio do dirigente Lithua, dos sindicatos operários de Cantão. Proclamou-se solenemente a reconstituição de uma C. G. T., cujos estatutos foram logo aprovados e nomeado um comité executivo.

Pequim foi indicada para sede da nova organização, que tem um carácter exclusivamente nacionalista, defende a colaboração da classe operária na luta contra os estrangeiros e propugna a defesa da independência chinesa. Os comunistas, que têm participado activamente na luta nacionalista, procuram ganhar influencia na organização renascente.

Relações franco-soviéticas

PARIS, 27.—A delegação francesa para as negociações franco-soviéticas sobre o regulamento das antigas dividas do Império Russo, teve hoje a sua primeira reunião no Quai d'Orsay, sob a presidência do sr. De Monzie, ministro das obras publicas, assistido especialmente pelos srs. Berthelot, Seyruius, Seydoux, Fromaget e Labonne, secretário.—(L)

A QUESTÃO DOS TABACOS

Salvaguardem-se os interesses dos operários e dos consumidores!

O exclusivo do fabrico dos tabacos concedido por dezanove anos à Companhia dos Tabacos de Portugal caduca no próximo dia 31 de Abril. A dois meses da terminação do contrato ainda não sabemos que regime sucederá ao monopólio, ainda ignoramos se o fabrico dos tabacos será livre ou se ficará privilégio duma empresa concessionária ou do Estado. E não conhecemos o futuro do fabrico dos tabacos porque as entidades competentes ainda não disseram a última palavra, a palavra derradeira que nos habilitasse a saber para onde iremos.

Esta indiferença tem dado origem, e com justificada razão, a que se avenge que Parlamento e governo estão favorecendo a Companhia dos Tabacos de Portugal, tem dado motivo a que se diga à boca pequena que o actual contrato será prorrogado por um mês, por tanto tempo quanto convenha ao odioso monopólio que há 19 anos tem enriquecido com os chorudos lucros que o exclusivo dá margem e justificação.

Seja como for. O que a nós também se nos afigura razoável é saber-se já qual será o futuro dos tabacos, qual será o futuro de 4000 pessoas que se quantas exercem actividade naquela empresa que hoje tem o exclusivo do fabrico.

A imprensa citadina já proferiu o seu «veredicto». Alguns jornais são pela liberdade de fabrico. Outros são favoráveis ao monopólio particular. Ainda outros querem que o fabrico dos tabacos passe para a «Regie», que é o monopólio do Estado. Nós não aplaudimos nenhuma dessas soluções. Defendemos apenas aquela em que fiquem salvaguardados os interesses dos 4000 operários que há mais de vinte anos vêm enriquecendo todas as empresas que os têm explorado. E essa solução não pode ser outra que não seja a entrega das fábricas aos operários, que as explorariam sob a sua administração e arrecadariam o produto do seu trabalho, dispensando assim a interferência do patronato que só serve para guardar as migalhas que pertencem aos explorados.

Terá o pessoal competência para enfrentar a responsabilidade do regime de socialização? Estará o pessoal à altura de administrar as fábricas?

Se está lance-se nesse movimento, estudo convenientemente o assunto e apresente as soluções que mais convenham aos seus interesses. Mas faça-o sem demora, não deixe perder a melhor oportunidade, não permita com o seu indiferentismo que uma multidão de interesses procure lançar mão da presa, não permita que um grupo de vampiros procure lançar o salto de tigre para se apoderar do filão que é o exclusivo do fabrico dos tabacos.

Constituição dum novo governo em Pekim

São várias e contraditórias as notícias vindas do Extremo-Oriente sobre a situação da China, e por isso é difícil fazer uma ideia clara do que se passa neste momento naquele remoto país.

Os movimentos revolucionários desenrolam-se ali sobretudo à volta das três grandes cidades: Cantão, no Sul; Xangai no Centro, e Pekim no Norte, e é sobre os acontecimentos sucedidos nesta cidade, que recentemente nos tem falado mais o telegrafo.

Ultimamente as tropas chinesas estavam agrupadas à volta de duas pessoas: Fen-Xu-Siang, comandante dos exércitos nacionais; Tchang Tso Lin, o ditador manchú enfundado aos imperialistas; e Kuo, ex-oficial de Tchang, que se pôs ao lado dos insurrectos.

Tchang Tso Lin encontrava-se sem forças para combater os seus inimigos, mas o Japão correu em seu auxílio, desembarcando tropas na Coreia, que lhe permitiram ganhar vantagens sobre Kuo.

Restava, porém, dar combate a Fen-Xu-Siang, que se conservava senhor da situação, com o exército nacional, e por isso se falava numa batalha decisiva a travar entre os dois adversários.

Agoram dizem os telegramas de Pekim que Fen-Xu-Siang se retirou da luta, para evitar choque entre os dois exércitos contendores, e para evitar também um acordo entre Tchang Tso Lin e Ou Pei Fon, ex-agente imperialista, a que se atribuíam ultimamente interesseiras tendências demotocrático-nacionalistas.

Considera-se que Fen-Yu-Siang se tornou muito antipático aos militaristas, e que a sua retirada teria por fim aliviar a atmosfera política.

E' sobre ele que recai a responsabilidade da constituição do novo governo de coligação de Pekim, formado na sua maior parte por nacionalistas.

Na comunicação feita por Fen-Yu-Siang a este governo sobre a sua intenção de se retirar da vida pública, declarou que a proliferação da guerra traria grandes perigos para a China, e condenou os militaristas.

Os generais, comandantes do seu exército, declararam no entanto que sustentariam o novo governo, e que estavam decididos a manter a paz e a auxiliar o povo de que se consideravam os servidores.

O governo anterior, chefiado por Tuan.

Se o pessoal realmente reúne condições para vencer a apreensão do seu gesto, de realização ao seu pensamento, pois só assim evitará que a sua situação se agrave, que atinja mesmo a impossibilidade de vencer-se.

Se não está à altura desse grande cometimento, apresente em público a solução do problema, a solução que mais convenha aos seus interesses e aos interesses do público consumidor. Sim, porque se há interesses a defender, se há direitos a salvaguardar: isso só pode ser feito de comum acordo. Isto é, interesses de operários respeitados e direitos do consumidor assegurados.

Por nossa parte, interpretes do sentir da classe operária, temos que defender os interesses desta que não podem ficar à mercê, nem dos sinistros desejos dessa caterva que pretende para si o exclusivo do fabrico, nem de interesses particulares de uma classe.

Devido a esta delicadeza do problema os interesses entrecrocavam-se nas columnas dos jornais burgueses. Um, especialmente, inchoa há dias uma campanha tendente a levar a água ao moinho das suas conveniências. Pretende a liberdade de fabrico, não para defender os interesses do público ou os do pessoal, não para garantir e respeitar as regalias que um trabalho de 20 anos dá direito, a que uma vida de martírio torna sagrados. Defende essa liberdade para que um grupo de capitalistas, exactamente aqueles que mais têm comprometido o desenvolvimento das indústrias, possa conseguir fartos lucros dum regime para que se procura ambiente favorável. Ora nesse regime ainda não se pensou introduzir as medidas que interessam ao pessoal. Ainda não se pensou criar as condições de defesa das regalias a que têm jus esses 4.000 operários e que o contrato que está a caducar preconiza e confere.

Nesse regime de fabrico dos tabacos que um jornal já ensaiou a defesa só se olhou às conveniências dos capitalistas, que não são as conveniências dos operários das fábricas, que não são as conveniências do consumidor.

Dos direitos do pessoal não se falou, dos direitos expressos na letra do contrato não se tugu nem mugiu porque não convinha à camarilha, porque não agradava à caterva. Não falou esse jornal, mas vamos falar nós, vamos dizer até onde podem ser prejudicados os operários com 20 e mais anos de casa se não for acatada a sua situação. Fál-lo hemos ao abrigo do contrato que vai caducar, porque é nele que estão conferidos direitos na perspectiva de desaparecerem.

Não será neste artigo. Será em outros, que serão tantos quantos sejam convenientes.

protegido de Tchang, pedira a sua demissão, diz-se porque tinha manifestado vontade de se entender com as potências.

Os novos ministros da justiça, interior e instrução pública do governo de Pekim pertencem ao partido do defuncto «democrata» Sun-Yat-Sen, que preconizava um entendimento com a Rússia bolchevista. Mas como sinal de triunfo do imperialista Tchang-Tso-Ling, e do seu ajudante, Ou-Pei-Fon, temos o recente telegrama, noticiando a prisão de Ivanof, director soviético do Caminho de Ferro do Leste, que constitui a chave do mais rico território a leste da Manchúria.

As proesas da G. N. R. em Sintra

SINTRA, 27.—Continua a lavrar grande indignação contra os bárbaros actos cometidos pelas praças da G. N. R. A Batalha, esgota-se e é lida com todo o interesse. Há mais vítimas. Há dois anos que quasi todas as criaturas presas por aquelas feras são agredidas e maltratadas.

Uma noite mataram um macho no lugar da Terrugem, alegando que o seu dono vinha a dormir na carroça. Por pouco que não matavam o condutor.

A população de Sintra deseja ver-se livre destas criaturas desumanas e perigosas. Parece que as juntas de freguesia deste concelho vão reunir para pedir a retirada das feras desta localidade.

As selvagens das praças são praticadas com a complacência dos superiores. Na noite em que se passou a scena bárbara que largamente relatámos, também o sargento andava à caça ao homem. Este sargento fica no posto. Ocorre-nos perguntar ao sargento se não teve conhecimento do sucedido. E' impossível que o ignore visto que sua mulher interveiu no caso pedindo para não espancarmos mais o preso.

Não saberá o tenente Pimentel que os soldados foram requisitar o preso à esquadra, em seu nome?

O cabo Simões da policia disse que não entregava o preso sem que o tenente o requisitasse por escrito. O tenente deve, portanto, ter conhecimento também do espancamento, visto ter declarado que não mandara buscar o preso.

O número das praças que retiraram para Torres Vedras é de cinco, onde provavelmente vão praticar idênticas proezas.—(L)

ESCOLA ÚNICA

A Escola Única continua a ganhar terreno, o que prova que ela não é apenas uma teoria, mas também uma prática. O Grande Conselho da República do cantão de Genebra, à semelhança do que fizera para as meninas, suprimindo a 7.ª classe liceal (o que corresponde à 1.ª classe entre nós), vai fazer o mesmo quanto aos rapazes, alterando o art. 205 da lei de instrução pública, e pelo qual passam a ser admitidos na 6.ª classe liceal (correspondendo à nossa 2.ª classe liceal) os alunos da 6.ª classe das escolas primárias.

Já se sabe que este caminho não deixa de encontrar obstáculos de várias espécies... e nem todos são dignos de serem aplaudidos. Há notas discordantes por aqui, por ali. Para certos indivíduos, a Escola Única seria uma "maquilha", que lhes ofenderia a sua "inércia mental", a sua proverbial mandrilice, viria perturbar-lhes a vidinha folgazã e despreocupada, obrigando-os a tornarem-se sérios as suas funções e a desviarem-se de coisas mais lucrativas. Dar-lhes-lhe muito trabalho, tirá-los da do ramerrão burocrático, de nada fazerem, ou, pelo menos, de fazerem uma coisa que, pelo hábito adquirido, já não lhes exige cansaças, nem graves lucubrações. Por isso, com as melhores intenções, querem crer, procuram defender-se contra a Escola Única, apresentando variados argumentos contra ela, que têm aparência de verdadeiros, embora sejam todos determinados, consciente ou inconscientemente, pelo seu grande amor ao "não te toques"...

Outros, afeiçoados à tradicional trindade do Ler, Escrever e Contar, declaram-se partidários entusiastas da campanha contra o analfabetismo... —velha tecla já muito gasta de tanto uso. Estes julgam que ainda estamos na época em que a referida tripeira era considerada um saber, e não, como agora, um meio de saber. O nível mínimo do saber que hoje exige a civilização está no que a escola única primária, prolongada até aos 14 anos, pelo menos, deve proporcionar. Uma educação de ser civilizado não pode restringir-se ao saber ler... jornais, ao saber escrever... cartas anônimas e ao contar... os ordenados das empregadas que se acumulam... patrioticamente.

Ler, escrever e contar nada é, nada vale como instrução, e, sobretudo, como educação.

O ler, escrever e contar não é superior ao analfabetismo, quando não sendo completado pela devida instrução e educação, apenas mascara uma ignorância falsa da vida, sob a capa de um meio ou falso saber, que dissolve caracteres e corrói a inteligência.

Outros há que ainda estão na fase em que a Pedagogia é uma abstracção, fora da realidade social, e julgam, ainda que ela não é, essencialmente, uma ciência social aplicada, nem é um dos problemas mais importantes da questão social.

Elas, cheias da sua falsa visão, declaram que a Escola Única é mais uma doutrina política (?) e social do que pedagógica!

Pois já se sabe que é uma doutrina social, como todas as teorias e práticas pedagógicas o são também!

É exactamente porque a Pedagogia é um fenómeno social, fundamentalmente social, que ela depende e tem dependido sempre das concepções e ideais sociológicos e, portanto, todos os seus problemas e todas as suas questões são sociais e fazem parte da questão social. E não fazemos descoberta alguma, nem invenção digna de registo, se dissermos que estamos plenamente de acordo com que a Escola Única é um problema social, uma questão social. Pelo que provam que não sabem o que é a Escola Única, ou não sabem o que é a Pedagogia...

Há também os financeiros... os que vêem em tudo uma questão de dinheiro, e que nada fazem senão com muito dinheiro. Ora quem diz que a Escola Única exige uma despesa que as finanças portuguesas não comportam prova não conhecer o que é ela, e comete três crassos erros, porquanto não sabe, ou não quer dizer que:

1.º Em educação toda a despesa dá largos rendimentos. O capital social empregado na educação do povo é o que produz mais rendimento e fomento colectivos.

2.º A criação da Escola Única é uma economia, quasi compensadora, visto que traz consigo a extinção de todas as escolas que, numa concorrência desleal, admitem menores de 14 anos: as escolas elementares industriais, comerciais e de desenho, as três primeiras classes liceais desapareceriam e, até, alguns liceus, cuja existência apenas se justifica e se sustenta por essas três primeiras classes. Mesmo que houvesse aumento de despesa, nós julgamos que em Educação não se deve regatear dinheiro, sempre que ele seja aplicado no que é necessário, e a Escola Única é uma necessidade colectiva, indispensável a uma boa educação social.

3.º Não somos tão pobres como é uso afirmar, porquanto se gasta muito dinheiro em tanta coisa supérflua, inútil ou improdutiva. Um Estado que desperdiça (mais de 200 contos num favor a um jornal que organiza uma cavalcada brutal através do país, um Estado que espalha impudente e constantemente aeroplanos, que dá pensões a quem herda mais de cem contos em bens, não é evidentemente pobre.

(Continua)

UM PERIGOSO FOCO DE INFECCÕES

Na rua Garibaldi, antigo pátio Vila Maia, à Estrêla, existem umas moradas de gente pobre cujos proprietários, António Lopes e Manuel Lopes, só se preocupam em receber as rendas, pois nem sequer cuidam das regras de higiene.

Acontece, porém, que o cano colector está entupido há mais de três meses, e tendo alguns dos inquilinos procurado os novos-ricos proprietários para mandarem fazer as referidas obras, eles se têm recusado a tal, não os interessando a saúde dos inquilinos que por sua infelicidade ainda habitam tais casas.

Há naquela rua dezenas de crianças que, durante o dia, estão sujeitas a absorver os gases pestilentos de tal imundície prejudicando-lhes a saúde, bem como uma criatura no último grau de tuberculose, que mora no local onde o cano está entupido, prejudicando ainda mais a grave enfermidade que a retém no leito. E os tais senhores a nada se movem, tendo nos exalamos os dejectos naquela cova que exalam um cheiro nauseabundo, que os moradores do pátio não podem deixar de suportar.

No entanto, nem sub-delegado de saúde, nem a Câmara Municipal se preocupam com tal desumanidade, parecendo que a vida e saúde duma centena de criaturas que ali moram não merece consideração e respeito.

Ourivesaria e Joalheria SANTOS CATITA, L.ºA

R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

Ainda o 1.º Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia

O dr. Archibald Young, professor de cirurgia da faculdade de medicina da Universidade de Glasgow, que esteve em Lisboa representando a sua universidade na comemoração do Centenário da Fundação da Régia Escola de Cirurgia, fez um donativo de 20 libras esterlinas à Faculdade de Medicina de Lisboa. O Conselho da Faculdade resolveu instituir na clínica cirúrgica um prémio anual com o nome de "Prémio professor Archibald Young, da Universidade de Glasgow."

—Ainda a propósito do Centenário, a Faculdade de Medicina de Lisboa recebeu saudações da Peking Union Medical College (Pekin-China) e da Faculdade de Medicina de Fukuoka (Japão).

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espírito revolucionário?

Lê o impressionante livro de Archibald

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviets.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. Desconto aos revendedores.

O APOIO À CAMPANHA DE A BATALHA

O operariado de Fanhões enviou-nos, por intermédio do nosso correspondente naquela localidade, um offcio saudando a Batalha pela rigorosa campanha que vem empreendendo contra a alta finança.

—Na última assembleia geral da Associação dos Trabalhadores Rurais de Siborro foi aprovada uma saudação ao nosso jornal pela sua campanha contra os escândalos da alta finança.

Manta perdida

Na terça-feira o camarada José de Evora transitou num "taxi" da Avenida Duque de Avila para a rua General Taborda, pela 1.ª hora da madrugada de terça-feira. Esqueceu-se o cliente duma manta cã de café, nova, dentro do carro e pede ao "chauffeur" a fizeza de a entregar na redacção deste jornal.

Teatro APOLO Todas as noites

às 9,30 da noite

A linda peça

AS DUAS CAUSAS

em que ALVES DA CUNHA e BERTA BIVAR têm magnificas criações

Brevemente:

Festa artística de ADELINA ABRANCHES

com o

SAMSÃO

TEATRO NACIONAL Telef. Norte 3049

Nova época extraordinária

DOMINGO, 30

1.ª representação

da comédia em 3 actos

MADEMOISELLE DEMONIO

Protagonista

ESTER LEÃO

Uma cooperativa em ebulição

Recebemos a seguinte carta cuja publicação nos é pedida e que é assinada por um grupo de sócios da cooperativa de Pão a "Persistente":

Sr. director de A Batalha:—Na cooperativa de Pão a "Persistente" estão-se passando factos que revelam a intenção de falsear todos os princípios cooperativistas e destruir a doutrina consignada nos estatutos desta colectividade:

O § 1.º do art. 8.º diz que: «O capital mínimo com que cada associado pode contribuir é o valor de uma acção e o máximo o de cem; ou seja o mínimo de 5000 e o máximo de 50000».

Pois a actual Comissão Administrativa que nem funções directivas possui entendem não dever respeitar a lei e fazer aumentar o valor de cada acção para 100000 sem reforma dos Estatutos. O que prejudica o parágrafo indicado não facilita ao associado concorrer até à importância de 50000?

Então porque procedeu assim a actual Comissão Administrativa que diz precisar de capital e se recusa a admitir sócios regeitando propostas de pessoas idóneas?

Na assembleia que fez aprovar o aumento citado sem a reforma dos estatutos se fez secretário um indivíduo que nem sócio era! Visto constar que a Comissão Administrativa está já cobrando o aumento de acção, o que portanto quer dizer se acha disposta a eliminar ilegalmente os associados, alguns com 27 anos de socios, perguntamos à Federação Nacional das Cooperativas o que diz a este respeito e fazemos constar às instâncias legais competentes o que se passa aqui dentro desta Cooperativa pedindo a sua imediata fiscalização.

Extranhamos que a isto assistam sem protesto defensores dos princípios cooperativistas tais como os srs. Rui de Carvalho e dr. José Ernesto Dias da Silva.

Ocorrências diversas

No Arco do Cego, a madrugada passada, chocaram-se dois eléctricos, resultando ferido na cabeça o guarda-freio 999, Joaquim Curado, de 31 anos, natural de vale de Santarém e residente na Avenida Elias Garcia, 84, loja, que depois de pensado no Banco do Hospital de São José, recolheu a casa.

—No posto da Cruz Vermelha do Calvario recebeu curativo e seguiu para casa depois, Maria Isabel, de 48 anos, natural de Lamego e residente em Alges, que na Junqueira foi colhida por uma carroça, ficando ferida na perna esquerda.

—Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, faleceu a madrugada passada aquela mulher, cuja identidade ainda se ignora e que, como noticiámos, foi na noite de ante-ontem atropelada por um automóvel na rua de São Paulo. O cadáver foi removido para a casa mortuária do mesmo hospital.

—No Hospital de São José estiveram ontem os agentes da Polícia de Investigação, Paulitos e Anibal Costa, ouvindo o presidente da Associação de Classe dos Fragaiteiros, António Dias Tavares, que, como noticiámos, ali deu entrada na manhã de 25 último, apresentando ferimentos na cabeça e contusões pelo corpo, constando ter caído por uma escada de um sótão na sede daquela colectividade, rua do Arsenal, 108, 1.º. Parece, porém, haver suspeitas de que se trata de uma agressão. O ferido encontra-se internado na enfermaria de Santo António, sendo ainda grave o seu estado.

—Silvino Quintela, de 22 anos, trabalhador, natural de Soure, sem residência certa, devido a falta de trabalho, andava ontem à tarde esmolando pelos sítios do Arieiro. Quando passava pela linha férrea, no momento em que também ali passava o rápido do Porto, a pressão de ar deslocado por este, derrubou o Silvino que caiu por uma ribanceira, ficando com vários ferimentos na cabeça e pelo rosto. Transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, recolheu à sala de observações depois de devidamente pensado no Banco.

AGREMIACÕES VARIAS

Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Grandela—Realizou no dia 26 a assembleia geral ordinária, aprovando o relatório e contas da gerência de 1925 e elegendo para 1926 a seguinte comissão administrativa: Secretário geral, Joaquim Jaime da Costa Ribeiro; tesoureiro, António João Rodrigues Consolado; vogais, Eduardo Silva, Alfredo Gavazzi e Carlos Augusto Lopes.

Associação dos Jardins-Escolas João de Deus—No próximo domingo, pelas 14,30 horas, reúne a assembleia geral desta associação para eleição dos corpos gerentes. Não comparecendo número suficiente de sócios fica desde já feita a 2.ª convocação para o dia 7 do próximo mês de Fevereiro, à mesma hora.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

TEATRO APOLO Todas as noites

às 9,30 da noite

A linda peça

AS DUAS CAUSAS

em que ALVES DA CUNHA e BERTA BIVAR

têm magnificas criações

Brevemente:

Festa artística de ADELINA ABRANCHES

com o

SAMSÃO

TEATRO NACIONAL Telef. Norte 3049

Nova época extraordinária

DOMINGO, 30

1.ª representação

da comédia em 3 actos

MADEMOISELLE DEMONIO

Protagonista

ESTER LEÃO

Operários mineiros de S. Domingos

Reuniu a assembleia geral que nomeou os novos corpos gerentes.

Os serviços da Comissão Escolar transferiram para a Comissão de Biblioteca passando esta a denominar-se Comissão Escolar e de Biblioteca.

Após a apresentação de contas referentes ao exercício das oficinas de sapataria e barbearia, o trimestre inicial foram apresentadas circunstanciadamente as contas gerais do Sindicato. Reconheceu a assembleia que a acção dos corpos gerentes do Sindicato esteve sempre de harmonia com os fins da organização, apenas a coacção que pesa sobre a classe não tem permitido, corria de baixa de salários, que os operários da Mina marcassem por mais de uma vez o seu alto protesto contra as prepotências dos seus opressores.

A camarilha político-servil em cujas baleias alguns operários têm confiado foi mais uma vez demarcada por se saber que tanto têm blasfonado sobre a estrada de Martola à Mina sem que na Administração Geral das Estradas ou no Ministério do Comércio exista ao menos um documento que prove o «interesse» desses tartufos pelos sem trabalho.

A viagem aérea transatlântica

No ministério das colonias só ontem foi recebido um telegrama do governador de Cabo Verde, comunicando a chegada à Praia do hidro-avião «Plus Ultra». Os tripulantes do avião enviaram ontem ao almirante sr. Gago Coutinho, o seguinte rádio: «Al renovar sua gloriosa rota ponham em prática os sábios princípios de navegação aérea que enviámos uma efusiva saudação».

O sr. almirante Gago Coutinho respondeu nos seguintes termos: «Felicitando-os pela sua vitória já alcançada envio-lhes os meus mais comovidos votos pelo sucesso da sua próxima e formidável etapa aérea inédita».

O ministro da marinha também enviou aos referidos aviadores o seguinte rádio: «Em nome da marinha portuguesa e da aviação naval felicito a tripulação do «Plus Ultra», pela brilhante realização das duas primeiras etapas. Todos nós fazemos votos para que continueis este triunfo e mais uma vez os espanhóis se confundam na gloriosa senda dos descobrimentos e do progresso. Ainda em nome da marinha agradeço as homenagens de consideração e apreço dirigidas ao nosso almirante Gago Coutinho. CIDADE DA PRAIA, 27. — O aviador espanhol Franco, que está tentando a travessia do Atlântico, amarou neste porto.

—L

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placar em 48 horas. Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

OS QUE MORREM

Carlos de Mascarenhas Barata

Vitimado pela tuberculose, faleceu ontem na sua residência, rua do Socorro, 9, 2.º, Carlos de Mascarenhas Barata, jornalista e antigo redactor do jornal Diário de Notícias.

O extinto, que possuía as mais apreciáveis qualidades de carácter, foi também durante algum tempo colaborador de A Batalha, onde captou as simpatias de todos os seus camaradas.

O Grupo dos 9, de que Mascarenhas Barata era presidente da assembleia geral, convida todos os seus filiados a incorporarem-se no funeral que sairá hoje, pelas 14 horas, da supramencionada residência para o cemitério Oriental.

Oscar de Carvalho

Cristiano de Carvalho, o cultíssimo artista que tão conhecido e estimado é no nosso meio, acaba de sofrer a irreparável perda de seu filho Oscar de Carvalho, espírito vivo e brilhante a que uma curta, mas fulminante doença pôs termo.

Maria Garcia Ferreira

Na sua residência, rua Saraiva de Carvalho, 237, faleceu a sr.ª D. Maria Garcia Ferreira, esposa do sr. Simão Ferreira e mãe do camarada Júlio Ferreira. O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas, saindo da morada acima para o cemitério da Ajuda.

João da Silva

Vítima de uma congestão faleceu o operário João da Silva, grevista da fábrica Vulcano. O seu funeral realizou-se ontem, incorporando-se nele grande número de metalúrgicos e de pessoas das relações do extinto. O S. U. Metalúrgico fez representar-se no funeral pelo camarada António Varela.

TELEFONE N. 5474

TEATRO APOLO Todas as noites

às 9,30 da noite

A linda peça

AS DUAS CAUSAS

em que ALVES DA CUNHA e BERTA BIVAR

têm magnificas criações

Brevemente:

Festa artística de ADELINA ABRANCHES

com o

SAMSÃO

TEATRO NACIONAL Telef. Norte 3049

Nova época extraordinária

DOMINGO, 30

1.ª representação

da comédia em 3 actos

MADEMOISELLE DEMONIO

Protagonista

ESTER LEÃO

TEATROS, MÚSICA 'A Batalha' na provincia e CINEMAS Almada

O concerto da Sociedade Nacional de Música de Câmara

Mais um concerto da Sociedade Nacional de Música de Câmara, mais um ato.

A pianista D. Isabel Manso tem qualidades que, no entanto, precisa de aperfeiçoar, não devendo entregar-se à execução de números da responsabilidade de Chacón de Bach-Busoni. Os nossos executantes em por vezes a veleidade de se julgarem aptos a tomar a resolução de interpretar trechos de importância, que não é raro atemorizarem as pessoas que têm já um largo treino. Eu acho que se deve falar assim aos que começam, o contrário será deixá-los entregue, à sua vontade o que pode manifestamente prejudicá-los de futuro.

D. Ema Romagosa Santos Fonseca, a quem, por sua iniciativa, se devem ultimamente alguns recitais de interesse, ocupou toda a segunda parte do concerto, cantando com óptima escola Le rideau de une voisine, de Alessandro, Barcarola e Chanson d'amour de Matsuyama, Hochzeitslied, de Schöenberg e Au haut du mont Tatra de Dvorak.

Madame Len Bach, no Passecalle de Haendel, Ballade, de Pesse, e Tobacchiere à musique, de Liadow, empolgou o escolhido auditório que a obrigou a executar, fora do programa, além duma dança de Gravedor, o conhecido fado de Rui Coelho.

Na sonata em sol maior de Sammartini, o exímio concertista de violoncelo João Passos e a pianista D. Sofia de Brito Freire Saldanha foram duma discreta correção. Esta sonata ressentia-se da influência dos compositores da época, principalmente de Rameau, tendo grandes reminiscências de Les indes galantes.

A Sociedade de Música de Câmara vai cumprindo brilhantemente o seu programa e de esperar é que não desamine, por muitos que possam ser os obstáculos que surjam no prosseguimento da sua utilíssima e educativa tarefa.

Nogueira de BRITO

Rêclames

Em virtude de compromissos anteriormente tomados e a que não podia faltar, a empresa que explora presentemente o teatro São Luís foi forçada a interromper apenas pela noite de hoje, para o concerto anunciado, a carreira triunfal da linda, inspirada e engraçadíssima opereta «A Moça de Campanhã» que amanhã reaparece para não mais sair do seu glorioso e triunfal cartaz até ao Carnaval que se avizinha.

—O assombro que tem produzido entre nós o trabalho de Ivanof com os seus formidáveis e ferozes leões vai aumentando, se tal é possível, pois que hoje o extraordinário domador apresentará conjuntamente com as outras leras, uma nova leão que nunca foi apresentada em publico, e que se encontra quasi no estado selvagem.

Ivanof tomará parte tanto na «matinée» que hoje se realiza, como no espectáculo nocturno, exibindo-se em ambos todos as restantes celebridades da nova Companhia de Circo.

Na próxima segunda-feira, em espectáculo da moda, estreia-se o celebre fakir indiano Blacman, o homem que se diverte com a morte, cuja apresentação tem causado espanto em todo o mundo.

—No concerto sinfónico que se realiza domingo, no Ginásio, apresentar-se-á a pianista polaca Carolina Peczenik que executará com a orquestra, sob a regência do maestro Fernandes Fão e a solo, ao piano, a peça de concerto em lá menor de Mozart, dividida em allegro, andante e presto. Do programa fazem parte os trechos musicais Le Fontaine di Roma, poema sinfónico de Respighi, com acompanhamento ao piano de mademoiselle Regina Cascais e a 1.ª audição em Portugal da Antich Danse de Arte per Liade (século XVI e XVII) transcrição livre para orquestra (24 suites), também de Respighi.

A notabilíssima pianista polaca Carolina Peczenik que admiraremos domingo, no Ginásio, é exímia na sua arte.

Almanaque de A BATALHA

192 páginas com muitas gravuras

Preço 5\$00

Pelo correio 6 escudos

CONTENDO:

Resumo do calendário de 1925—Calendário para 1926—Resumo do calendário para 1927—O que há a fazer nos doze meses do ano—Calendário para os anos de 1900 a 1900—Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal, por Alexandre Vieira—Revolução e contra-revolução: resenha dos factos mais importantes ocorridos de 1918 a 1925—Militantes e propagandistas mortos: António Magalhães, Nuno Vasco, José Sebastião Cebeira, José Lopes, Virgílio Santos, Guilherme Lima, António Marvão, Miguel Córdova, Francisco Cristo, António José Avila e Joaquim da Silva—Legislação: acidentes de trabalho, árbitros avindores, inquilinato e regulamentação de trabalho—Indicações úteis: marés, imposto do selo e correio—Relação dos organismos operários—Juventudes sindicais—Imprensa operária, corporativa e social.

TEATRO APOLO Todas as noites

às 9,30 da noite

A linda peça

AS DUAS CAUSAS

em que ALVES DA CUNHA e BERTA BIVAR

têm magnificas criações

Brevemente:

Festa artística de ADELINA ABRANCHES

com o

SAMSÃO

TEATRO NACIONAL Telef. Norte 3049

Nova época extraordinária

DOMINGO, 30

1.ª representação

da comédia em 3 actos

MADEMOISELLE DEMONIO

Protagonista

ESTER LEÃO

Contra uma perigosa apatia

ALMADA, 25.—Esta terra, que noutro tempos foi um dos mais agitados baluartes do ideal de emancipação humana, sofre hoje duma doença grave a que bem pode chamar-se «decadência aguda».

De facto, parece que por Almada passou um violento furacão que arrastou todas as energias só deixando ficar a desolação e a descrença.

Será isto produto da época que atravessamos, ou, consequência natural do que se encontra a organização operária neste concelho?

Muito embora a nossa intelectualidade seja mesquinha entendemos ser de urgente necessidade que todos os que sentem qualquer parcela de amor pela organização proletária e tenham fé num futuro melhor devem dar o seu quinhão de esforço afilhado que a mesma organização seja novamente elevada ao seu apogeu.

Para isso é preciso que desde já cuide-mos de procurar a forma de se conseguir este «desideratum».

Poder-nos-há objectar que não haverá maneira de tal se conseguir em virtude da grave crise económica que os trabalhadores neste momento atravessam. Porém, nós discordamos desta maneira de ver. Se é verdade que a actual situação pode causar o desânimo em muitos espíritos tímidos, devemos nós, os mais fortes, manter a maior agitação possível fazendo despertar os que se deixaram cair na tal «decadência aguda».

Porque a verdade é que os grandes impulsos que se dão no movimento operário são fruto das grandes crises que de vez em quando se atravessam.

É preciso aproveitarmos justamente esta ocasião para, por meio da

A CAMINHO DO SCISMA

Prelúdios da luta de classes na Rússia

Enquanto o proletariado é arremessado para a servidão, uma nova burguesia prepara-se para gosar faustosamente a vida

REVAL, Janeiro — Na Rússia, a oposição foi batida e repulsa apenas teoricamente. E só teoricamente os chefes da oposição foram liquidados no campo da luta. Agora, nas organizações locais, uma agitação campanha vai desencadeando-se, com o fim de fazer conhecer e aprovar as decisões da maioria.

O objectivo, porém, difficilmente será atingido, porque a oposição não é unicamente a manifestação de vários chefes ambiciosos, apesar do seu sofismo aparente. O descontentamento, as desilusões, tomaram uma grande parte da massa popular. E só por isso é que se torna duvidoso o êxito do trabalho que o conselho central do partido comunista pretende realizar com a exclusão pura e simples dos opositores.

Não estão esclarecidas as razões que levaram o povo a apoiar o partido em outubro de 1917. Zinoviev declara ainda que o povo apenas desejou a igualdade. Lenine emitiu muitas vezes a opinião de que o povo estava farto da guerra e queria partilhar das terras. Eis os únicos motivos da sua grandiosa insurreição.

Mas veio logo o partido comunista. E tanta propaganda fez, tantas ilusões incutiu na população, que ela actualmente se sente tão mal como durante o jugo zarista e, fazendo o confronto das realidades, só encontra razões para viver descontente. Foram os clamorosos protestos da multidão que originaram o tumultuoso debate sobre capitalismo de Estado, a nova política económica, os privilégios aos koulaks, efectivos do partido, sobre as questões que preocuparam o último congresso.

O estado de espirito e as reflexões simples dos trabalhadores

O raciocínio popular acerca do regime soviético, formado no final de 1925, impressionou o sr. Bukharine, chefe da maioria, que se defendeu num discurso pronunciado em Moscovo, há dias. O blandicioso político, enleandamente, confessou que o operário tinha razão em face dos estabelecimentos luxuosos, ao passo que, no nono ano da revolução, os seus filhos continuavam desprovidos do necessário. E, assim, o operário pensa justamente:

— Onde vamos parar?
E a angústia, a inquietação, agitam nervosamente os operários que das aldeias vêm trabalhar para as fábricas. Os novos não se resignam e protestam; os velhos também não se resignam, embora não protestem. E todos dizem:

— É ridículo afirmar-se que há socialismo, se em nossas casas não há roupas para se vestirem as crianças e se há pouco demasiado nos armazéns...

E quando se fala na edificação do socialismo só na Rússia, ao mesmo tempo que se diz que o proletariado internacional não presta o auxílio a um povo que vai ser devorado pelo capitalismo de todos os países, o operário, farto de ouvir, riposta:

— Como se pode afirmar a um tempo que o socialismo se faz bem num só país e de-seja-se a revolução internacional?
Na nova política económica apenas o operariado vê a criação de novos lares burgueses, de uma nova burguesia. Nada há já nas cooperativas, tudo se tem dado ao comércio particular. Os armazéns do Estado têm sido despoçados em favor de estabelecimentos particulares.

O sr. Bukharine sabe de tudo isto, e procura defender-se. E vai dizendo que os operários há muito tempo que pensam muito mal do regime. Conclui depois que o único remédio para a má situação do povo — é a resignação...

Os sindicatos alemães manifestam-se contra a arbitragem nos conflitos de trabalho

Efectuou-se há dias, em Berlim, uma reunião magna de delegados dos comités locais da Confederação Geral dos Sindicatos, da Federação dos Empregados e União dos Funcionários. A questão dos salários originou o principal debate nesta assembleia, sendo criticada a acção das autoridades e do patronato, assim como a imposição da arbitragem nos conflitos.

Na discussão havida, demonstrou-se que as autoridades exercem a arbitragem sempre em favor do patronato. O governo e as autoridades não são mais do que simples aliados dos patrões na oposição às justas reclamações do operariado.

A formação de comités de conciliação tornou-se abusiva, sendo eles uma excelente e traiçoeira arma contra o proletariado. Os mesmos comités alargaram-se de forma tal que se tornaram instâncias oficiais de arbitragem para fixar salários que os operários são forçados a aceitar. Na lei sobre arbitragem, as sentenças são doutrina legal, o que implica a diminuição do direito à greve e a obrigação de cumprir contratos absurdos.

Os sindicatos alemães começaram tendo pelos tribunais arbitrais uma lógica aversão, levando, pois, os patrões a negociarem livremente com os operários, sem que pudessem usar do recurso aos comités de conciliação.

Em face destas circunstâncias, advogou-se por enorme maioria a ruptura de toda a arbitragem, e o levantamento do operariado para a luta de classes sem transigências. Os delegados reunidos afirmaram a sua disposição de empurrarem, por meio de uma persistente propaganda e da necessária e correspondente acção, todas as classes operárias ao desenvolvimento do sindicalismo revolucionário.

Academia de Amadores de Música

Realiza-se no salão desta Academia, na próxima segunda-feira, às 21 horas, um concerto em que tomam parte elementos de conhecido valor.

Assinar Os Mistérios do Povo

EM VILA NOVA DE GAIA

Um industrial feroz e desumano

VILA NOVA DE GAIA, 24. — No passado dia 14 referiu-se a Batalha, mais uma vez, à maneira desumana como o industrial Calheiros explorava os seus operários, ao mesmo tempo que provávamos que aquele explorador nunca tinha satisfeito os aumentos de salário concedidos pela A. I. P. Por esse motivo a Batalha foi avidamente apreciada nas fábricas de cortiça.

Em todos os cantos se encontravam operários comentando a nossa correspondência ao mesmo tempo que escalpelizavam o procedimento dos operários que muito corradamente tinham desmentido a veracidade dos factos apontados na nossa correspondência do dia 6.

Ao mesmo tempo que os operários corticeiros nos davam o seu apoio, também o sindicato respectivo nos dava o seu incondicional apoio, e confirmando as nossas afirmações em nota oficiosa enviada aos jornais da vizinha cidade.

Esse facto veio dar-nos mais coragem para desmascarar o sr. Calheiros e mais autoridade moral para o fazer.

João Calheiros, o meneur dos industriais corticeiros do norte, fez uma fortuna na avalanche da guerra, à custa da miséria e do sofrimento dos operários corticeiros.

Quando tomou conta da fábrica que ainda hoje possui era um pobretão. Era advogado (mas que advogado era...) que não possuía clientes se sujeitava a ganhar mil dúzias de vinténs para ir vivendo.

Teve a feliz sorte de casar com uma senhora rica, filha do industrial corticeiro Augusto de Almeida, e por morte deste tornou o sr. João Calheiros conta da fábrica.

O homem, então, principiou a sua nova vida. Era tal a sede de dinheiro que a tudo se sacrificava.

O seu maior ponto de apoio era a exploração aos operários, e assim fez uma fortuna em pouco tempo.

Veiu a guerra, e como toda a gente sabe, foi uma época de ambições mesquinhas, e Calheiros envolveu-se no turbilhão das ambições e mais aumentou a fortuna.

Mas, a fortuna adquirida por João Calheiros não lhe pertence!!!

Ela é o resultado de uma exploração ignóbil.

Está amassada com o suor, com a dor, com a fome dos operários corticeiros do norte, que infelizmente não vêem isso.

João Calheiros tornou-se o explorador mor!

Após a guerra, o operariado principiou as reivindicações e como era natural, os operários corticeiros desta localidade também principiam a movimentar-se, impelidos pela efervescência das reivindicações, mas encontravam o industrial Calheiros sempre arrogante disposto a abusar da sua má organização.

Os outros industriais compreendiam a situação do momento e, mais ou menos, sempre se tornavam mais benevolos para com os operários.

Calheiros não podia ver com bons olhos os seus colegas, menos avidos de exploração e chegou mesmo a cortar relações com alguns, mas estes, não demoraram muito tempo, impelidos pelas insinuações do grande potentado, a exercerem também vil exploração, e daí o reatamento das telas cortadas e a porem-se em acção, planos infames Calheiros tornou-se o «meneur» dos industriais corticeiros do norte; tudo quanto ele fizesse era bem feito.

Nenhum industrial teria a ousadia de pôr qualquer plano em acção, sem o «meneur» Calheiros o autorizar.

Assim ganhou prestígio um homem que nem inteligência tinha para envergar uma toga de advogado.

Mas, estamos certos disso, se os operários corticeiros do norte tivessem compreendido os seus altos deveres de se organizarem metódicamente, não estariam sujeitos à exploração de que são e foram vítimas, nem estariam submetidos aos caprichos de um homem que de inteligente nada tem, e que se armou em «meneur».

Organizem-se pois, e terão assim acabado com a péssima situação em que se encontram. — C.

Do Sindicato dos Corticeiros de Porto e Gaia recebemos um ofício confirmando tudo quanto neste jornal se tem dito sobre a indigna conduta dos industriais de Gaia, especializando o ignóbil explorador e asqueroso tartufo João Calheiros.

No mesmo ofício afirma-se a simpatia que a atitude da Batalha mereceu aquele sindicato e aos corticeiros do local acima referido. Oxalá que os corticeiros que nos aplaudem saibam cumprir o seu dever, defendendo-se com denodo das arremetidas iníquas dos industriais que os exploram.

Secção Telegráfica

Federações

VINICOLA
Tanoeiros de Gaia. — Reuniram-se hoje com a C. G. T. para tratarmos do que sabem, seguindo ofício com as deliberações tomadas.

JUVENITUDES SINDICALISTAS
Núcleo de Silves. — O secretário do conselho enviou-vos um ofício sendo necessário resposta e a credencial para o delegado.

Núcleo de Évora. — Idem.
CALÇADO, COURO E PELES
Pórt. — Sindicato Unico Calçado, C. e Peles. — Segue expediente; recebemos vale.

Beja. — Sapateiros Bejenses. — Segue expediente e ofício.
Braga. — Sindicato Unico Calçado, C. e Peles. — Idem.

Santarém. — Manufactores de Calçado. — Acusam recepção do expediente e ofício.
Penafiel. — Idem.
Évora. — Idem.

Ainda o Circuito Hípico de Portugal

Editado pela casa Oliveira acaba de ser posto à venda um interessante «passo-doble» dedicado aos vencedores do Circuito Hípico de Portugal.

CONFERÊNCIAS

“Constitucionalismo” — por D. Tomás de Vilhena

Na sede da Universidade Popular Portuguesa realizou-se uma conferência sobre o “Constitucionalismo”, da série sobre as doutrinas político-sociais contemporâneas.

Foi conferente o sr. D. Tomás de Vilhena, que frizou não vir fazer uma conferência de propaganda ou de crítica, mas, dentro do plano da série, uma conferência de exposição de ideias. Antes de definir os princípios fundamentais do sistema monárquico representativo diz que os países escandinavos são os que na hora actual mais cumpriram o estatuto constitucional. Nesses países o governo desprende-se por completo do acto eleitoral. As autoridades administrativas, prefeitos, governadores, etc., não são como nos países latinos delegados de confiança do governo, mas sim indivíduos que no exercício desses cargos terminam a sua carreira política. E, assim, no acto eleitoral limitam-se a ser meros fiscais das formalidades legais. Para demonstrar como o acto eleitoral se realiza narra o facto seguinte:

Propôs-se candidato a deputado por Estocolmo o sobrinho único do presidente do ministério. Realizado o apuramento eleitoral viu-se que apenas tinha obtido dois votos: o seu e o do tio. Entendeu o eleito-rado de Estocolmo que esse candidato, pelo seu parentesco com o chefe do governo, não seria o mais apto para no Parlamento fiscalizar os actos desse governo. Todavia, não foi combatida a apresentação da sua candidatura.

E' o conferente de opinião que os interesses políticos, quando baseados em princípios de honestidade e de justiça, podem todos fazer a felicidade de um povo desde que a este se possam adaptar e caibam dentro da sua tradição e da capacidade étnica.

Para a feliz realização dum regime representativo é essencial a matéria-prima: o eleitor.

Todas as constituições da Europa moderna repousam, mais ou menos, na soberania da nação, que não é um princípio novo, pois que dele se encontram vestígios no direito romano que considerava o imperador como um mandatário da nação.

Nalguns países as constituições alargam as funções reais, noutros restringem-nas alargando os limites do exercício da soberania popular.

A característica do sistema é a delegação dos poderes da nação nos seus representantes, que geralmente formam duas câmaras. Uma, câmara dos deputados, que é composta pelos indivíduos que estão mais em contacto com o povo, e outra, câmara alta, que não entramando a marcha do progresso, serve para moderar as impaciências populares, formuladas pela câmara baixa, que podem colidir com o interesse geral.

Há geralmente três poderes do Estado, o legislativo, o executivo e o judicial. Neste regime tem o rei um grande papel a desempenhar: equilibrar esses três poderes.

Passa depois a historiar a traços largos, o desenvolvimento do constitucionalismo em Portugal. Aparecem-nos os primórdios deste regime em 1808, quando Portugal estava dominado pelos franceses.

As aguias de Napoleão não espalharam pelo mundo a felicidade como se pensava, mas vexames, ruínas e crimes. Lembra a história do parafítico da ponte de Coimbra a quem os soldados heróicos de Napoleão cortaram a língua para conjurar o mau agouro.

Refere-se a indivíduos que foram submetidos a tormentos para revelarem o local onde se encontravam tesouros escondidos.

Em 1808, houve portugueses que pediram a Napoleão um príncipe da sua família para rei de Portugal e uma constituição que era baseada na do grão-duque de Varsóvia.

A constituição pedida tinha um carácter muito pouco liberal.

A câmara alta seria formada por seis prelados e por doze indivíduos da primeira nobreza. A câmara baixa seria escolhida de forma a nela predominar a aristocracia.

A repessão de Pina Manique não tinha podido obstar ao desenvolvimento das ideias liberais a que deu um novo incremento a sangrenta repressão de conspiração de 1817.

Sentindo a necessidade de aniquilar o movimento nascente, Beresford vai ao Brasil pedir a D. João VI poderes mais amplos, e durante a sua ausência, em 24 de Agosto de 1820, as ideias liberais triunfaram no Porto.

Tendo o país aderido, reuniu-se a constituinte que elaborou a constituição de 1822. Era essa constituição, a pesar de monárquica, mais radical que a constituição republicana actual. Era uni-cameral, o rei não tinha a faculdade de dissolver a câmara, e eram os deputados eleitos por dois anos.

Afirmou o conferente que esta constituição estava, pelo seu radicalismo, em oposição ao sentimento nacional. Pouco tempo se manteve a constituição, pois que da «Vila-francada», movimento chefiado pelo infante D. Miguel, foi revogado e passou D. João VI a governar como rei absoluto até ao fim da sua vida.

Em 1826 é outorgada por D. Pedro a carta constitucional que foi jurada pela infanta D. Isabel Maria. Aponta o conferente a distinção entre constituições e cartas constitucionais. As primeiras são elaboradas por uma assembleia constituinte, os segundos são dadas aos outorgados pelos soberanos. Nas primeiras, são os primeiros capítulos dos decretos à declaração dos direitos, dos deveres e das garantias dos cidadãos e os últimos capítulos ao governo da nação. Nas cartas a disposição é a inversa desta.

Caíu a carta em 1828, porque D. Miguel fez-se proclamar rei absoluto pelos Três-Estados, assembleia do regime absoluto. Seguiu-se a luta entre os dois partidos, em que houve nobreza, porque de qualquer dos lados havia ideais e havia convicções. Depois da convenção de Évora-Monte, em 1834, a carta foi restabelecida. Estabelecia a carta quatro poderes do Estado: o moderador, o legislativo, o executivo e o judicial. O poder moderador era exercido pelo rei, fulcro do organismo do Estado neste regime. Podia comutar e indultar penas. Tinha o direito de dissolução.

O poder legislativo era exercido por duas câmaras: a dos pares, vitalícios e hereditários, e dos deputados de eleição indirecta. Procurava a carta harmonizar os velhos princípios sociais com as aspirações da democracia que se vinham afirmando.

Mas as sociedades latinas estão em cons-

Foram muito conerridas as reuniões da Funcheia e de Faro promovidas pelo Sindicato do Sul e Sueste.

Promovidas pelo Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste estão-se realizando ao longo da linha reuniões para eleição dos novos corpos gerentes e para dar conhecimento ao pessoal das «demarches» efectuadas junto do ministro do Comércio, por motivo de reclamações apresentadas pela classe.

Depois das reuniões efectuadas no Barreiro teve lugar na estação da Funcheia a segunda reunião com uma grande assistência, sobressaindo o elemento feminino. Aberta a sessão às 19,30, assumiu a presidência António José dos Santos, secretário Manuel Joaquim Júnior e Manuel Inácio Costa. Usou em primeiro lugar da palavra Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, que, verberando o procedimento das entidades superiores dos Caminhos de Ferro do Estado, expôs a numerosa assistência as «demarches» efectuadas pela comissão de que faz parte. Na mesma ordem de ideias usou também da palavra Francisco Ramos Palermio, António Maria da Costa, Manuel Peres e José Romão Côres.

Procedendo-se à votação dos novos corpos gerentes, foi aprovada a moção apresentada por José Pereira Fernandes e Joaquim Figueiredo, que já havia sido igualmente aprovada na sede do Sindicato no Barreiro.

A segunda reunião efectuou-se em Faro. Aberta a sessão, às 14,30 horas, presidiu José Marques Guita; secretariaram Francisco José Caniço e José Bica, da delegação de Faro.

Usou primeiramente da palavra Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, que expoz a situação em que se encontram as reclamações formuladas ao ministro do Comércio e verberou o procedimento das entidades que superintendem nos caminhos de ferro do Estado.

Procedendo-se à eleição dos novos corpos gerentes foi aprovada a moção apresentada à assembleia do Barreiro e já sancionada pela da Funcheia. Sobre o assunto usa da palavra, em nome da actual comissão administrativa, Palermio, que justifica alguns dos actos por esta praticados durante a sua gerência. São ainda feitas considerações acerca do mesmo assunto por Barulho, Alfredo Pinto e José Vicente.

Depois da ordem dos trabalhos foi apresentado e aprovado por aclamação um protesto redigido por Barulho, contra as perseguições aos ferroviários de Lourenço Marques e bem assim que por parte dos ferroviários do Sul e Sueste seja prestado aqueles camaradas todo o apoio moral e material, terminando a assembleia por uma unidade de vistas sobre a marcha sindical ferroviária.

CRISE DE TRABALHO

Pessoal da Fábrica Vulcano

Reuniu ontem o pessoal desta fábrica para apreciar a marcha do seu movimento. Depois de alguns oradores se referirem ao mesmo e terem censurado asperamente a administração da fábrica tornando-a responsável do movimento em que se lançaram, falou o delegado do Sindicato que combateu a forma infame como os industriais estão procedendo.

Foi resolvido apelar para todos os metalúrgicos a fim de que estes não vão insurrever-se naquela casa para não traírem o movimento, tornando-se todos aqueles que tal façam responsáveis por essa traição.

Foi também resolvido por unanimidade que todos os operários daquela casa se incorporem no funeral do camarada João da Silva, o qual teve lugar horas depois desta reunião.

Os operários reúnem hoje, pelas 13 horas, na sede do Sindicato.

Reunião magna dos operários litográficos

Reúne hoje, pelas 20 horas, a classe litográfica em sessão magna para tratar da crise de trabalho que há tempos se vem desenvolvendo com grande intensidade neste ramo gráfico.

Nesta sessão devem fazer-se representar a Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares e C. G. T.

O conflito sino-russo

A libertação de Ivanoff

PEQUIM, 27. — Em seguida à libertação de Ivanoff, director soviético do caminho de ferro chinês do Leste, o consul russo em Mukden e o marechal Tchang-Tso-Lin concluíram um acordo para o regulamento da circulação do caminho de ferro.

tante agitação. E se a carta satisfazia os elementos conservadores, não satisfiz os radicais, que em 1836, se rebelaram, e elegeram um constituinte para elaborar uma constituição baseada na de 1822. Essa constituição, a de 1838, era mais moderada que a de 1822. Suprimiu o poder moderador e substituiu a câmara dos pares por um senado que, como a câmara dos deputados, era de eleição directa. Como a sociedade portuguesa continuava oscilando entre a direita e a esquerda, foi a carta constitucional restaurada em 1846. Em datas posteriores foi a carta modificada por três actos adicionais, que transformaram a organização da câmara dos pares e restabeleceram a eleição directa para deputados.

Terminando, diz o conferente que neste regime há beleza e que foi útil no passado. Quanto ao futuro, dadas as tendências tão divergentes que solicitam o pensamento contemporâneo, será o melhor regime aquele em que houver harmonia entre a vontade da nação e os actos dos governos.

Universidade Livre do Porto

Na sede da Associação Benéfica dos Ouveiros do Porto, rua do Bonjardim, 181, 2.º, gentilmente cedida pela sua direcção, realiza-se amanhã, pelas 21 horas, uma conferência pública, subordinada ao tema «A sãde e a higiene pública», sendo conferente o dr. Lobão de Carvalho.

Na próxima sexta-feira, 5 de Fevereiro, devem comparecer no lugar que lhes foi comunicado, os novos corpos gerentes, a fim de serem devidamente empossados.

Vida Sindical

C. G. T.

Reunião importante

Para assunto de superior importância, reúne hoje em conjunto, pelas 21 horas, o Comité Confederal e o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade.

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

A comissão organizadora nomeou ontem o delegado Sebastião Marques para representar este organismo na sessão que se realiza hoje às 21 horas no Sindicato dos Litógrafos.

Comissão Instaladora

Para assunto da máxima urgência, reúne hoje, pelas 20 horas, com a comparencia de todos os seus membros.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos. — A direcção deste Sindicato tendo conhecimento que por vezes a cobrança não é feita regularmente, pede aos colegas sindicados quando tal se dê lho comunicarem para exigir do cobrador que tais faltas se não dêm.

— Como chegasse ao conhecimento da direcção deste Sindicato que alguns linotipistas do Séclo estão acumulando e que os do jornal A Tarde se preparam também para esse fim, a direcção vai oficial-lhe para que tal acumulação não continue, assim como aos respectivos quadros para obstem a sua tração, neste momento.

Caixeiros de Lisboa. — A assembleia geral, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apresentação, discussão e votação do relatório e contas da direcção. 2.º Nomeação de uma comissão encarregada de rever e actualizar os estatutos da colectividade. 3.º Nomeação das comissões de instrução, propaganda e melhoramentos.

4.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926. Se por falta de número a assembleia não funcionar, a data desde já convocada para 11 de Fevereiro, às 20 horas, no mesmo local, deliberando com qualquer número de associados.

Impressores Tipográficos. — Refinaram em assembleia geral, tendo aprovado saudações à Batalha, e grevistas de Lourenço Marques.

Foram lidos e aprovados os relatórios do delegado aos congressos Federal e Confederal e do delegado à F. L. J. e S.

Aprovado o relatório da direcção, foram eleitos para os novos corpos gerentes e delegacias:

Assembleia geral: António Ferreira e Mário G. Costa. Conselho Fiscal: Daniel Silva, Carlos Dias e Eduardo de Oliveira. Direcção: Eduardo de Barros, tesoureiro; Veneslau de Oliveira, António Costa, Carlos de Oliveira e Alvaro Santos, que entre si distribuirão os cargos. Delegados à F. L. J. e S.: António Costa e Raul de Sousa. Delegados à C. S. T.: Raúl Curado, Carlos Dias e Daniel Silva.

Foi ainda resolvido contribuir com 20\$00 para auxílio da realização do 2.º Congresso das Juventudes Sindicalistas.

S. U. da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Reuniu ontem tendo sido dada posse à nova comissão administrativa que ficou composta dos seguintes camaradas: Manuel Rodrigues Costa, Alberto Dias, Félix António Fernandes, António José do Lugar, António Nunes Loureiro e Manuel Patrão.

Sessão dos Carpinteiros. — Reuniu a assembleia geral, resolvendo contribuir com 50\$00 para auxílio da realização do 2.º Congresso da Juventude Sindicalista.

Apreciando o balancete do 2.º semestre de 1925, nomeou a comissão revisora de contas que ficou assim constituída: António Manuel Vinhas, Francisco Gil da Silva e Alexandre Barata.

Por fim foi resolvido contribuir com a importância equivalente a 5 bilhetes duma festa que a Associação dos Taneiros realiza a favor dum seu sindicado preso.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Compositores Tipográficos. — A direcção pelas 18,30 horas, juntamente os delegados à F. L. J. e S.

Liga dos Operários da Marinha Mercante. — Nos termos dos Estatutos está convocada a Assembleia Geral, pelas 21 h. Sindicato Metalúrgico. — Pelas 20,30 a assembleia geral em continuação dos trabalhos pendentes na última assembleia.

Pintores de Construção Naval e Anexos. — A assembleia geral, pelas 20 horas, para nomeação da comissão revisora de contas e eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926.

Pessoal da Carris de Ferro. — A assembleia geral, pelas 21 horas na sua sede, rua de S. Paulo, 216, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Em conjunto com a comissão administrativa, os delegados de fábricas e oficinas para assunto urgente.

Federação da Construção Civil. — Pelas 21 horas a comissão administrativa.

S. U. Mobiliário. — Comissão de melhoramentos. — Pelas 18 horas, juntamente com o pessoal das casas Serafim e Machado e José Henrique (pátio de S. Vicente).

Comissão pró-universitário. — Às 20 horas.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comité Federal. — Reúne hoje pelas 20 horas.

Comissão Redactorial. — Reúne hoje pelas 20 horas em conjunto com o Comité.

Secção Mobiliária. — Reúne hoje pelas 20 horas o secretariado seccional.

O conflito entre fragateiros e pessoal dos rebocadores

A fim de desfazer possíveis mal entendidos suscitados pela entrevista ontem publicada, convida-se a comparecerem hoje, pelas 21 horas, na nossa redacção, os camaradas da Associação do Pessoal dos Rebocadores e Gasóleos que anteciem à noite nos vieram prestar informes.